

ENTRE O BRASIL E O PERU: UM ESTUDO COMPARADO DOS MOVIMENTOS ESCOLA SEM PARTIDO E COM MIS HIJOS NO TE METAS

GIOVANA GIONGO¹; ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹UFPel – giovana.giongo@gmail.com

²UFPel – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa visa investigar a ocorrência de dois fenômenos com proximidade temporal e com semelhanças tanto no conteúdo e estratégias, quanto nas conjunturas políticas em que são produzidos, mas geograficamente separados. No Brasil, Escola Sem Partido e no Peru, Con mis hijos no te metas, configuram os objetos desta investigação.

O Movimento Escola Sem Partido foi fundado em 2004. Seu idealizador e fundador é Miguel Francisco Urbano Nagib. É possível afirmar, no entanto, que apesar da sua criação em 2004, o movimento vive no anonimato até 2014, ano em que o primeiro projeto de lei é protocolado, mas o ápice e a notoriedade ganham grande dimensão em 2015 com a votação dos planos de educação e as polêmicas em torno da “ideologia de gênero”.

O movimento “Con Mis Hijos No Te Metas” nasce em dezembro de 2016, em Lima, no Peru. Motivado pelo combate ao que o grupo chamava de “ideologia de gênero”, supostamente implementada através de políticas públicas e do Plano Nacional para Educação Básica. Teve seu grande ápice em 15 de novembro de 2018, com uma grande marcha.

Partimos obrigatoriamente de uma hipótese, a de que há semelhanças de concepção e conteúdo entre os dois movimentos. Presumimos que há afinidade também nos elementos que circundam nossos objetos. Portanto, calculamos que apesar das diferenças geográficas, de se tratarem de movimentos diversos, com atores também diferentes, será possível apontar e observar a repetição de conteúdos mobilizadores, características na concepção, estratégias e nas conjunturas em que se alimentam.

Nossa problemática se apresenta em compreender o que torna possível no Brasil e no Peru a mobilização do Escola Sem Partido e do Com mis hijos no te metas. Se há relação entre os dois fenômenos e as conjunturas em que se mobilizam.

O objetivo geral da pesquisa é compreender o conteúdo mobilizador que potencializa o Escola Sem Partido e o Com mis hijos no te metas, apontando semelhanças e diferenças. Estabelecer o histórico e o conteúdo ideológico dos fenômenos, contrastando discursos, valores, métodos e perfis dos protagonistas dos dois movimentos e organizar temporalmente a conjuntura política em que os objetos estão inseridos.

Do ponto de vista teórico a História Política nos empresta seus olhares a partir da concepção de cultura política, marcada pelos debates da História do Tempo Presente.

Rodrigo Motta (2009, p. 21) ao tratar da cultura política traz a seguinte definição:

conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.

A identificação desta cultura política, ou a condução de um trabalho sob esta influência teórica, permite, segundo Serge Bernstein (1998, p. 362), dois resultados: desvendar “[...] as raízes e filiações dos indivíduos, restituí-las à coerência dos seus comportamentos graças à descoberta das suas motivações” e entender a conexão coletiva em torno de uma cultura política.

Os fenômenos políticos, sob influência da cultura política, também podem revelar “[...] a força dos sentimentos (paixões, medo), a fidelidade a tradições (família, religião) e a adesão a valores (moral, honra, patriotismo)” (MOTTA, 2009, p. 29). Motta (2009) e Bernstein (1998) trazem conceitos e definições que se filiam ao entendimento que lançaremos sob nossos fenômenos. Igualmente importante para este trabalho de pesquisa, é a sistematização e organização do conceito de conservadorismo.

O conservadorismo tem forte apelo nas tradições e no passado. A história reduzida ao papel de experiência. Nesta experiência, proporcionada pelo passado, que repousa a confiança de um conservador (NISBET, 1987, p. 48). Enquanto os racionalistas-progressistas enxergavam o presente como o princípio para o futuro, os conservadores apontam para uma trajetória temporal contínua e ininterrupta.

Importante mencionar, segundo nos alertou Nisbet, que a simpatia do conservador pela tradição, não quer dizer que este se alie a qualquer ideia do passado: “A filosofia do tradicionalismo é, como todas as filosofias, seletiva” (NISBET, 1987, p. 52). Esta tradição passa obviamente pelo filtro do conservador, levando em conta suas categorias e critérios. Este mesmo autor marca como característica fundamental do conservadorismo, a negação de progresso.

Considera os ideais modernos de democracia, justiça social, direitos do homem e igualdade como desejos meramente abstratos e ilusórios (NISBET, 1987). Esta afirmação se ancora no ideal conservador de que a desigualdade social é natural e positiva. A hierarquização, a superioridade de alguns e a ideia de que alguns predominem sobre outros, é comum e naturalizada. Vejamos o que diz Burke:

Aqueles que tentam nivelar nunca igualam. Em todas as sociedades, consistindo em várias categorias de cidadãos, é preciso que alguma delas predomine. Os niveladores, portanto, somente alteram e pervertem a ordem natural das coisas, sobrecrecendo o edifício social ao suspender o que a solidez da estrutura requer seja posto no chão (BURKE, 2014, p. 70).

É parte de uma prática conservadora a valorização da religião, da família, aldeia tradicional e corporação. Expressar crítica contundente à centralização do Estado e, como já mencionamos, a ideia de igualitarismo, pois ela subverte a lógica natural, mudando as relações de forças tradicionalmente organizadas hierarquicamente. (BOTELHO; FERREIRA, 2010, p. 12).

Hirschmann (1992) sistematiza o conservadorismo na perspectiva de contra investidas, ou seja, observa que os avanços de direitos civis, políticos e sociais são sucedidos por movimentos conservadores que objetivam interromper e reverter estas mudanças. Estes movimentos reativos, estas respostas conservadoras, seguem uma lógica e uma estrutura sistematizada pelo autor em três teses principais que organizam nosso olhar sob os objetos: tese da perversidade, tese da futilidade e tese da ameaça.

Desta forma, apresentamos, resumidamente, uma parte conceitual importante, que organiza concepções e olhares essenciais para este trabalho.

2. METODOLOGIA

Os méritos da abordagem comparativa para a história são inegáveis para tratar de nosso tema. A escolha de fenômenos semelhantes entre os fatos observados e dessemelhantes em relação ao meio, a busca de influências entre uma sociedade e outra, e busca das causas ou o sentido das causalidades.

A abordagem comparativa permite localizar segundo Kocka questões e problemas que, de outra forma, seriam, possivelmente, negligenciados ou ignorados. A comparação se presta a iluminar os perfis dos casos singulares, contrastando-os com outros, se mostra indispensável na formulação de resposta a questões causais, pode ter lugar de um experimento indireto que facilitaria o ‘teste de hipótese’ e oferece ao historiador, distanciando-o daquilo que conhece melhor e ampliando sua capacidade de problematizar seus temas de pesquisa (KOCKA, 2014, pp. 280-281).

Os projetos de lei são fontes importantes para esta análise comparativa. Assim como seus proponentes e atores políticos defensores dos programas. O processo conjuntural em que os fenômenos estão inseridos também fazem parte desta análise comparativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há uma exasperação, a partir das discussões, de um fenômeno conservador com relação as abordagens de gênero e de diversidade sexual ao pensar as conjunturas em que se localizam (ou produzem) o Escola Sem Partido e o Com mis hijos no te metas. Os debates sobre os planos de educação em 2015 no Brasil e do Plano Nacional para Educação Básica no Peru, cumprem funções importantes no processo de mobilização. Igualmente, a participação do legislativo na promoção dos movimentos, com apoio e com protocolo de projetos de leis, são observados nos dois fenômenos.

O MESP ascende, portanto, embalado pelos planos de educação, pelo crescente protocolo de PL's, pela suposta “ideologia de gênero” e finalmente pelo recrudescimento em torno da polarização política iniciada nas jornadas de junho, com participação conjuntural importante das eleições de 2014 e posteriormente pelo processo de impeachment contra a Dilma Rousseff. É possível observar a concomitância de vários setores que participaram do processo de impedimento da presidente e do Escola Sem Partido.

No CMHNTM os debates sobre a ideologia de gênero cumprem também papel fundamental. Interessante pensar que o Peru vive uma conjuntura política conturbada, com processo de impeachment e participação também concomitante de atores e atrizes neste processo e no movimento estudado. A Fuerza Popular é o partido de Keiko Fugimori, seus membros são os principais apoiadores do movimento Con Mis Hijos No Te Metas e cumprem papel importante na oposição ao governo nos projetos que geraram polêmicas e mobilizaram o movimento e no processo de impedimento.

4. CONCLUSÕES

Trata-se de trabalho com pouco de tempo de maturação, portanto, com poucas considerações a serem tratadas neste ponto. A pesquisa até este momento ocupou-se de tratar alguns conceitos importantes, aprofundar o olhar teórico e organizar e delimitar suas fontes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, J.P.; SIRINELLI, J.F. (Dir.). Para uma História cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.
- BOTELHO, André; FERREIRA, Gabriela Nunes. Revendo o pensamento conservador. In: FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André (Org). Revisão do Pensamento Conservador: ideias e políticas no Brasil. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2010.
- BURKE, Edmund. Reflexões sobre a revolução na França. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.
- HIRSCHMANN, Albert. A retórica da intransigência: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- KOCKA, Jürgen. Para além da comparação. Revista Esboços, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, ago. 2014.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). Culturas políticas na história: novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 13-37.
- NISBET, Robert. O conservadorismo. Tradução M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.